

ANGÚSTIA E SEXUALIDADE: A DESCOBERTA FREUDIANA

**Denise Maria Lopes Dal-Cól*

RESUMO

Este trabalho é o resultado das elaborações recolhidas em uma dissertação de mestrado que teve como principais, as seguintes questões: quais os fatos clínicos e teóricos que conduziram o interesse do fundador da Psicanálise pela Angústia; em que direção desenvolveu sua pesquisa e quais as conclusões a que chegou (descobertas que fez).

A oportunidade do presente estudo se deve à consideração da importância da angústia na clínica psicanalítica; isto porque o que se entende que é possível fazer com ela, depende do que se entende que ela significa, isto é concebida: o que é a angústia, qual a sua causa, como reconhecê-la.

Palavras-chave: Angústia; Sexualidade; Freud.

ABSTRACT

This work is the result of elaborations collected from a Master's Degree dissertation which approached the following important questions: what were the clinical and theoretical facts that guided the interest of the Anguish Psychoanalysis founder; in which direction did he develop his research to and which were the conclusions he arrived at?

The importance of the present study is due to the concern about the importance of anguish in psychoanalytical clinic; that is because what is understood to be possible to do with it depends on what is understood by its meaning: what anguish is, what its causes are and how to recognize it.

Key-words: Anguish; sexuality; Freud.

É somente a partir do século XIX que a angústia foi colocada em questão e investigada com a finalidade de buscar uma explicação para suas causas – conforme aponta BASS (2000, p.249, p. 263). A experiência de angústia foi tomada como um fenômeno a ser conceituado pelos filósofos, e estudada pela medicina acadêmica com um pressuposto organicista.

Paralelamente, Freud foi levado, a partir da experiência com casos clínicos e na constituição progressiva da teoria psicanalítica a formular um conceito sobre a causa da angústia e a conceder-lhe um lugar cada vez mais importante para a compreensão dos processos psíquicos e de formação das neuroses.

Freud elaborou em dois períodos, com um período intermediário, a descoberta do que é a angústia e sua causa.

44

R
E
V
I
S
T
A

* Docente da Universidade Estadual de Londrina – UEL.
Mestre em Psicologia Clínica pela UNESP-SP
E-mail: fpp@uel.br

No primeiro período (1893-1895), sua pesquisa sobre a angústia esteve no contexto de suas investigações sobre as neuroses, cujo protótipo é a histeria. Estabeleceu as neuroses de angústia como um quadro diferenciado porque nestas, a angústia que tem como núcleo a expectativa pessimista e a inclinação para idéias antitéticas aflitivas. É o sintoma central, diferente do que se chama neurose de defesa. A investigação da causa do fenômeno de angústia se inicia pela investigação das atividades sexuais do sujeito afetado por ela, isto é, investiga a vida sexual atual; isto porque, além do próprio paciente se reportar à sua sexualidade vinculada às expressões de angústia, há o contexto de suas descobertas acerca do papel fundamental e determinante que a sexualidade foi assumindo na causação da histeria.

Os estados de angústia constituíam um enigma diferente dos sintomas neuróticos, embora a angústia parecesse estar presente nas neuroses, pois os sintomas de angústia -estados- não representavam um conteúdo inconsciente.

Dessa primeira pesquisa Freud estabeleceu a sintomatologia da angústia, ou seja, suas modalidades de manifestação e elaborou uma teoria sobre a sua causa.

Sintomatologia (FREUD, 1987, p.92-98).

Das formas de expressão de angústia, Freud estabeleceu três grupos que são, o estado crônico, o ataque de angústia e a depressão periódica. Esta última, um ataque de duração longa. As duas primeiras formas podem combinar-se e o ataque só surge a partir dos sintomas crônicos, que são: expectativa ansiosa (apreensão) com o corpo-hipocondria; expectativa ansiosa em relação ao funcionamento do corpo – agorafobia, claustrofobia, vertigem de lugares altos; expectativa ansiosa relacionada às decisões e à memória – fantasias a respeito de seu próprio funcionamento psíquico (mania de duvidar, ruminações obsessivas).

A irritabilidade geral e a expectativa angustiada, na forma rudimentar ou desenvolvida, compõem o quadro mais geral da neurose de angústia, sendo a segunda, base das expressões que aparecem de um modo crônico (latente, à espreita). Há nestes casos, um ‘quantum’ de angústia em estado de livre flutuação que se liga a qualquer conteúdo representativo adequado para explicar ou justificar racionalmente o medo, embora se note o exagero e a falta de fundamento específico para as possibilidades de que aconteça o que está sendo esperado pelo sujeito angustiado. A expectativa, portanto, controla a escolha das representações. Aparece sob a forma de uma tendência para adotar uma visão pessimista das coisas até o exagero desse pessimismo, uma espécie de compulsão. Outra forma é a angústia moral como o escrúpulo, o pedantismo que vai desde o considerado normal até a forma de ‘mania de duvidar’.

O ataque de angústia acontece quando esta irrompe à consciência, sem ter sido despertada por uma seqüência de representações. Tem como núcleo, a expectativa angustiada, sendo que a falta de seqüência de associações dá a sua ‘expressão de urgência’.

São duas as formas de ataque: o sentimento de angústia sem representação associada e o sentimento de angústia acompanhado por representações de extinção de vida ou ameaça de loucura, parestesias (distúrbios da sensação) e distúrbios das funções corporais, como respiração, atividade cardíaca, inervação vasomotora ou atividade glandular.

No ataque acompanhado de distúrbios do corpo, muitas vezes, o sentimento de angústia recua para um segundo plano, sendo freqüentemente irreconhecível ou apenas mencionado como um sentir-se mal.

Os ataques acompanhados pelos distúrbios corporais se manifestam como: distúrbios da atividade cardíaca na forma de palpitação com arritmia transitória ou taquicardia de duração mais longa, o que pode provocar grave

enfraquecimento do coração; distúrbios respiratórios como dispnéia nervosa ou acessos semelhantes à asma e similares; acessos de suor; acessos de tremores e calafrios; acessos de fome devoradora, acompanhados de vertigem; diarreia sobrevindo em acessos; acessos de vertigem locomotora; acessos de congestões; acessos de parestesia. No ataque, os elementos apontados misturam-se em um grau variável ou cada um deles pode aparecer no ataque isoladamente, podendo haver só o sentimento desacompanhado de representações ou distúrbios corporais. Outros sintomas de angústia são: o aumento da sensibilidade à dor (distúrbios reumáticos), tendência a alucinações; a vertigem e a diarreia podem aparecer sob a forma crônica, podendo ser substituídas por uma sensação permanente de fraqueza e lassidão.

Primeira teoria sobre a causa da angústia (a insatisfação sexual) (FREUD, 1990b; 1987).

Nesta sua primeira investigação, Freud parece querer saber principalmente de que era feita a angústia – qual é sua ‘matéria’, uma vez que não é feita da mesma matéria ideativa do sintoma histérico. Chega à conclusão que a origem (a causa) deve ser buscada na esfera física da vida sexual, ou seja, nas excitações físicas. Entretanto, ver-se-á, concebe que as excitações não são somente físicas. Nos casos que atende, verifica que os fatores, como o coito interrompido, que perturbam o desempenho e a consecução adequada do ato sexual (da função sexual), produzem uma abstinência sexual, porque promovem uma descarga insuficiente da excitação sexual física produzida, isto é, a interrupção do ato, provoca a interrupção da descarga – refreamento – que produz um acúmulo e uma deflexão da excitação. Com isso, a excitação ou tensão física se transformaria em afeto de angústia. O resultado é uma satisfação sexual insuficiente devido a uma descarga também insuficiente. Até então parece que propõe um mecanismo sexual meramente fisiológico.

46

Ao interrogar como ocorreria esta transformação da excitação em afeto, Freud demonstra uma outra concepção do mecanismo sexual que inclui o fator psíquico: as excitações de dentro do corpo, normalmente devem se ligar a representações – grupo de idéias – para produzir atos que são específicos à descarga dessas excitações, constituindo-se em atos psiquicamente significativos, com descarga mais satisfatória. No mecanismo da sexualidade, o grupo de idéias sexuais exerce um trabalho de transformação e distribuição da tensão sexual física, manejando-a psiquicamente, ou seja, as excitações que chegam ao psiquismo, exigem dele um trabalho de transformação/manejo, exercido pelas idéias. Assim, na sexualidade, a ação específica para descarregar a excitação sexual não é a realização do coito em si; a ação específica é a ligação das excitações às idéias. A tensão nesse enlace é físico-psíquica, chamada afeto sexual, libido sexual ou desejo. A tensão sexual, sendo físico-psíquica (libidinal), se transforma em angústia nos casos em que há o desenvolvimento da tensão física, mas esta não pode ser convertida em desejo pela sua representação ideativa, isto é, quando não há elaboração psíquica das excitações provenientes do corpo.

Essa consideração dá nova dimensão à questão da causa da angústia uma vez que Freud associa a causa física à causa psíquica, demonstrando que uma não vai sem a outra: no processo que conduz à formação de angústia o acúmulo de tensão sexual física é acompanhado da diminuição da participação psíquica nos processos sexuais – a descarga é evitada no sentido psíquico. Sendo assim, a satisfação é evitada.

A angústia é, portanto, uma forma da expressão da excitação acumulada e deflectida, apreendida como afeto na consciência.

Freud admite a hipótese de que os fatores que impossibilitam que a descarga seja realizada (que a satisfação se produza), são todos aqueles que

impedem a excitação física de ser representada, a saber, o sujeito não tem um saber sexual suficiente ou tem esse saber, evita-o, ou, ainda, renuncia à satisfação no ato interrompido.

Entende-se que se há renúncia ou evitação, há a intenção de desviar-se de algo. Sendo assim, os fatores que impedem a elaboração psíquica da sexualidade, seriam todos eles, afinal, uma tentativa do sujeito de tentar abster-se dela.

As descobertas realizadas posteriormente por Freud confirmam essa interpretação na medida em que através delas verificamos que a satisfação da pulsão aponta para o impasse que o sujeito fica frente à satisfação e à perda de satisfação – que é a formação do desejo; isto, desde a infância. Esse impasse, representado simbolicamente como falo-castração.

Entretanto, fica a questão de que nas neuroses atuais – neuroses de angústia, só há possibilidade de formar representações mínimas do desejo. Conforme entendido das elaborações freudianas, na neurose de angústia, a excitação física nem consegue penetrar no âmbito psíquico, mantendo-se no trajeto físico, embora transformada, convertida em afeto e nas neuroses histéricas, é a excitação psíquica que se converte em direção à área somática, mas a excitação já estava ligada a representações.

Como conclusão, destaca-se como importante nas elaborações deste período o fato de Freud ter situado a fonte da angústia como pulsional – o real do corpo, a vertente real (pulsional) do encontro com o próprio sexo. Além disso, da extensa descrição da sintomatologia da angústia legou-nos um valoroso referencial para seu reconhecimento, ainda fiel nos dias atuais.

O segundo período da investigação freudiana acerca da angústia (1900-1920), distante do primeiro, uma vez que somente em 1917 declina seu texto teórico principal sobre o assunto, deve-se ao fato de que ele desviou seu interesse pela angústia e ocupou-se neste tempo, com o aprofundamento das questões que a clínica das neuroses de defesa lhe impuseram, ampliando e aprofundando os conceitos psicanalíticos fundamentais.

Se, inicialmente, Freud questiona qual a causa (fonte) da angústia e encontra as quantidades de excitação e/ou satisfação pulsional, neste período faz um desdobramento da questão sobre a causa, partindo da questão sobre sua função, encaminhando-se com isso, para a causa ou fundamento simbólico (inconsciente) da angústia, aproximando-se do fato de que sua lógica se fundamenta na sexualidade infantil (FREUD, 1990c).

Indaga inicialmente, sobre sua função geral, uma vez que é encontrada nos estados não patológicos, visando encontrar meios para responder sobre a função psíquica da angústia nas neuroses. Identifica a angústia em sua função de defesa: reação através de um sinal subjetivo, a um perigo de dano vindo de um objeto externo. Com isso lança a hipótese de que na angústia neurótica deve haver algo que se teme, deve ser uma reação de medo. Faz uma conexão entre a angústia neurótica e o perigo, e, apoiando-se na teoria da libido que tinha na época, a saber, a oposição entre o ego e a libido, conclui que a angústia é uma reação do ego que promove a tentativa de fuga das exigências da libido, e sabemos que essa exigência é de satisfação. A tentativa de fuga se dá pela adoção de medidas de defesa, de afastamento, através da formação de sintomas que substituam a geração de angústia.

No exame que faz das características da angústia nos estados não patológicos (que chama realística), apresenta um quadro que designa de maneira incontestável, o estatuto da angústia: é um estado afetivo – um estado, não um sintoma.

Expõe que a angústia é um estado subjetivo (afeto) do qual se é tomado ao perceber o surgimento do perigo, sendo este estado uma composição de descargas motoras, acompanhadas de sensações de desprazer, aumento da atenção

sensorial e da tensão motora. É uma reação que se dá no sujeito à percepção de um perigo, manifestando-se como estado de preparação expectante – apenas um sinal, início meramente frustrado – ou como geração de angústia propriamente dita. Como sinal, a angústia avisa o sujeito da aproximação do perigo e permite que tome providências para sua proteção. Como geração, a angústia paralisa a ação. É essa constatação, da angústia-sinal, que permite outra vertente de investigação da causa da angústia (FREUD, 1990c, p.471-476)

A ação de defesa cujo sinal a angústia dispara, envolve o reconhecimento de um perigo e a ação sobre esse perigo que é a fuga ou a luta. Se, envolve reconhecimento, significa que já há um saber prévio, que é o sujeito que define o que é temível.

A hipótese de que a angústia é medo cuja causa está no próprio sujeito, ou seja, de que a causa da angústia é a própria sexualidade do sujeito, cuja exigência de satisfação é percebida como perigo pelo ego (o ego trata o perigo interno como se fosse um perigo externo) leva Freud a considerar os motivos dessa recusa da sexualidade. Por que as exigências da libido são consideradas um perigo pelo ego, já que a sexualidade faz parte do próprio sujeito?

Para responder esta questão, Freud investiga a origem do medo na infância, nos estados de apreensão infantil, através da análise da angústia realística nas crianças e da análise do primeiro temor infantil. Neste exame constata que a criança nova não demonstra temor de objetos e situações externas; ao contrário, colocando-se em risco por aproximar-se do fogo, peitoril de janela, objetos cortantes, etc. O primeiro temor, apreensão ou fobia infantis manifestam-se freqüentemente em três situações: diante de pessoas estranhas, escuro e solidão (FREUD, 1990c, p.473-475).

À luz dos achados psicanalíticos, interpreta esse temor da seguinte forma: a criança está habituada à vista da figura familiar da mãe, com a qual faz um laço amoroso, e a ausência deste objeto de amor (inicialmente ausente do campo do olhar) produz um desapontamento na criança e um concomitante anseio – desejo intenso, resultando, também, na não significação interna da falta, em função da ausência de representações internas suficientes para ancorar a libido infantil. A lógica do primeiro temor está então, no fato de que a ausência da pessoa amada produz um anseio e, um anseio sentido no escuro se torna medo de escuro; a situação ou objeto externo é o perigo que substitui o perigo a que a ausência do objeto amado conduz. A angústia infantil, introduz sob a forma de um perigo externo insignificante, um objeto ou situação para representar as exigências da libido.

Com isso, o complexo em virtude do qual a angústia infantil se constitui, está indicado. A libido exige satisfação – descarga – e essa libido quer se satisfazer em conexão com o objeto amado; a ausência do objeto produz falta de satisfação que se registra como perda, em que está implícito um excesso de excitação; com isso cresce o desejo de se satisfazer através do objeto – o único com o qual a criança sabe se satisfazer.

O medo da libido, é o medo da vivência de uma pressão à satisfação sob a forma de um desejo intenso, vinculado à ausência da pessoa amada, aquela com a qual empregava sua libido (olhar, cuidados).

Neste segundo período, portanto, Freud situa a angústia como um efeito da experiência de separação, apontando o desejo e a falta que aí se constitui, como causa da angústia. Os apontamentos de Freud indicam que a separação da mãe produz um símbolo de uma divisão, marcada psiquicamente e a excitação é temível porque o sujeito fica em falta (desamparo simbólico), fica sozinho com o desejo intenso e a pressão a satisfazê-lo. Pode-se elaborar um outro aspecto que estas conclusões nos ensina: o amor encobre a satisfação, sendo sua falta, uma aproximação à satisfação e, nesta primeira condição infantil, a

tendência à satisfação demonstra a falta, de maneira inexorável.

Freud indica, neste período intermediário a causa lógica da angústia, que irá desenvolver melhor posteriormente: a sexualidade é representada psiquicamente desde a infância e a constituição subjetiva segue o protótipo da ausência que implica uma perda e uma falta no sujeito. Em outras palavras, a inscrição mental da excitação supõe uma inscrição mental de perda e de anseio de satisfação no sujeito – o desejo – o que o coloca em falta. Sendo assim, a falta em que fica a criança, não é falta do objeto, como também não é esta a causa do medo, mas a falta que se forma no próprio sujeito pelo fato de que o humano se orienta por referências simbólicas ou imaginárias que conduzem sua excitação e nomeiam (significam) seu desejo e que isto vem do outro.

Se no primeiro período Freud indica a angústia do eu frente à pulsão, neste, inclui o medo frente ao desejo.

A segunda teoria sobre a causa da angústia (a castração)
(FREUD, 1976).

No terceiro período da pesquisa de Freud que situamos entre 1917 e 1926, a nova elaboração conceitual do aparelho psíquico na segunda tópica, proporciona algumas questões e conclusões acerca dos sintomas, da angústia e da relação entre eles. Uma de suas conclusões mais importantes referente à questão de como é possível a transformação da descarga da pulsão de prazer em desprazer, será exposta a seguir. A satisfação da pulsão (descarga) só é prazer dentro de uma economia – o princípio do prazer –, (o qual rege o ego) isto é, um limite de descarga da excitação; se ultrapassar este limite para mais ou para menos, conduz ao desprazer.

Essas elaborações fazem pensar também que tanto a perda de satisfação, quanto o aumento de satisfação são igualmente perigosos para o ego porque fazem sair do princípio do prazer ou equilíbrio subjetivo (de idéias), equilíbrio este, visado pelo *eu*, conduzindo ao processo de defesa (recalque) e a posterior formação de sintomas.

Reconhece que no recalque secundário não há transformação da excitação em afeto, pois o que se dá aí é a reprodução do afeto, em forma de sinal, reprodução do estado. Com isso, resolve uma questão anterior, sobre o fato da angústia (como matéria pulsional) ser a causa ou a conseqüência do recalque, ou seja, causa da defesa que leva ao sintoma. A angústia é a causa do recalque.

Freud retoma a situação de separação da mãe, articulando-a com a situação original de angústia que postula – o ato do nascimento –, uma vez que descobre que a angústia é sinal de desprazer (quantidade pulsional limitada, reduzida) reproduzido no ego a partir de experiências anteriores. Freud articula, aprofunda e insere novos elementos aos momentos históricos do surgimento da angústia na vida do sujeito.

No nascimento, o aumento da tensão libidinal é vivenciado como um desprazer, sendo que sua descarga faz uma marca de satisfação, porém sem significação. A excitação, transformada em afeto de desprazer, é reproduzida no eu posteriormente, como sinal cada vez que uma condição de aumento de tensão se estabelece. Freud entende que este estado de excitação, marca uma condição de perigo (desamparo psíquico) ao qual o ego reage com angústia sempre que um estado dessa espécie se repete, estado este, reproduzido posteriormente como um afeto. A situação de perigo é significada somente *a posteriori*, quando da separação do objeto de amor (FREUD, 1976, p.158-161).

A separação da mãe constitui o anseio, produzindo um símbolo mnêmico da falta (imagem), sendo este um fator psíquico – o símbolo ou representação da falta – de objeto e de satisfação. O sinal de angústia indica a repetição de uma separação. A libido inaplicável que exige satisfação pela ausência do objeto de

amor, transforma, introduz a exigência interna de satisfação (estado de excitação aumentado), marcado no inconsciente como expectativa ou desejo, em um estado de perigo. A separação da mãe produz um símbolo que dá significação ao estado e produz o deslocamento do perigo como o estado de excitação aumentado, para a situação de perda da mãe: o perigo é deslocado da situação econômica para a condição que determinou essa situação – a perda do objeto. A mãe assume essa função porque primeiro responde à satisfação, parcialmente, e cria o dom, uma demanda de amor, mas nunca responde a isso por inteiro, nunca dá a significação última e nem faz acabar as excitações, constituindo, com sua falta, o desejo.

Freud insere como novo que a angústia é originalmente um estado de excitação libidinal não significado, apenas marcado, e que a separação (ausência) da mãe produz o deslocamento do estado para uma significação de perigo: a situação de perigo, de perda do objeto, dá significado de perigo ao estado de excitação e ao desejo que daí deriva. Há nessa elaboração, nos parece, uma lógica dialética circular, uma vez que a experiência do momento inicial se desloca para o ‘final’, mas é o momento posterior que dá significado ao anterior.

A angústia é, pois, sinal afetivo em face de uma perda – é sinal de uma separação, de uma experiência de perda, e o que é repetido é o estado em forma de sinal. A ameaça, o perigo, é a repetição desse estado subjetivo – desamparo psíquico – ficar só, com o desejo que cresce e a dificuldade de dar significação a isso (elaborar simbolicamente) (FREUD, 1976, p.161).

A situação de angústia e de perigo de castração para o ego que Freud localiza na base do recalque e da posterior formação de sintomas, em todas as formas de neurose, é o passo fundamental seguinte que permite formular a lógica simbólica do perigo que a sexualidade representa ao ego; isto é, a face simbólica do perigo sexual. Para expor e discutir isso, Freud realiza o reexame dos sintomas, principalmente das fobias, notadamente o caso Hans.

Articula, então, as situações de angústia do ato do nascimento e da separação da mãe, com a situação de angústia de castração.

O novo elemento com o qual Freud trabalha é a castração (e o falo) como a experiência de perda central e o perigo psiquicamente mais significativo que resignifica os anteriores e conduz ao sinal de angústia e ao recalque: “...o significado de medo da separação, da perda do objeto, se estende além do ponto da separação da mãe, pois a transformação seguinte do conteúdo da situação perigosa e da angústia, que pertence à fase fálica, também constitui o medo da separação e está ligada ao mesmo determinante – nesse caso, o perigo de se separar de seus órgãos genitais (Freud, 1976, p.162). A angústia diante da separação dos genitais é o deslocamento da situação de perigo como perda do objeto-mãe para a situação de perigo como perda do falo. O determinante de angústia nesta fase é a ameaça de perda do falo.

Freud explica que há uma ligação entre o medo de se separar de seus órgãos genitais e o medo contido nas situações anteriores de perigo. Essa ligação está no alto valor narcísico que o pênis possui por proporcionar ao possuidor poder ficar mais uma vez unido à mãe – a um substituto dela, no ato da copulação. O perigo de ficar privado do órgão equivale ao perigo de renovar a separação da mãe e, com isso, ficar desamparadamente exposto a uma tensão decorrente da necessidade pulsional. Entretanto, a necessidade atual cujo aumento se teme, aponta, pertence à libido genital e não mais indeterminada, como aconteceu no período da primeira infância (FREUD, 1976, p.163).

Procurar-se-á esclarecer melhor a lógica da castração – o medo de se separar de seus órgãos genitais e o perigo que ela representa ao ego – valendo-nos do que nos ensina Freud desde sua clínica, quando da discussão do caso de Hans, e, com isso, esclarecer o perigo simbólico que a sexualidade representa para o

sujeito: qual a importância da libido genital e não indeterminada? Qual a maneira de entender o valor narcísico do pênis?

Embora em *Inibições, sintomas e ansiedade*, Freud não deixe explícito que, do ponto de vista do inconsciente, o significado de desamparo simbólico que a perda do objeto (o pênis) representa seja uma interrogação e uma falta de resposta sobre a própria sexualidade, em 1909, quando da discussão do caso de Hans, apresenta os elementos que possibilitam essa leitura.

As considerações de Freud em *Inibições, sintomas e ansiedade* sobre a primeira angústia da criança na separação da mãe e o deslocamento para a angústia de castração esclarecem que o significado de perda aí encontrado faz parte de um complexo que encontra um ‘desfecho’, um ‘momento crucial’, quando na fase fálica.

A discussão que FREUD, 1987, p.109-159) faz do caso do pequeno Hans, à época de sua publicação, possibilita o entendimento de que a chamada fase fálica diz respeito tanto à modalidade de satisfação genital – a tensão do desejo, no que se refere à excitação no órgão genital – quanto ao fato de que, nessa fase, simbolicamente, a sexualidade está sob a primazia do falo: a premissa da universalidade do órgão sexual masculino. Em outras palavras, as crianças representam psiquicamente o sexo como apenas um (FREUD, 1987, p.117). Além disso, os pais são os objetos aos quais se dirige a catexia libidinal – a satisfação dos impulsos amorosos – e das perguntas que demonstram o interesse que a criança tem de saber da sexualidade, principalmente no que se refere à questão sobre a origem dos bebês.

É nessa mesma fase que se põem novas representações a serem elaboradas pela criança: o outro sexo, para ambos o feminino. Essas novas representações ocorrem em função da pergunta da criança sobre seu órgão – o falo, o outro na criança que se excita independente dele, e devido ao problema que a sexualidade do pai coloca para a criança : as relações sexuais, principalmente em decorrência da pergunta sobre a origem dos bebês.

Sigamos os recortes do caso de Hans para melhor esclarecer esses apontamentos. O nascimento da irmã de Hans legou-lhe perdas em virtude das quais agitou-se seu pensamento, colocando-lhe interrogações. Hans queria saber da função do pai no nascimento de Hanna e dele próprio, já que os chamava de filhos (FREUD, 1987, p.139). É a gravidez da mãe e, na seqüência, o órgão sexual feminino da irmã, que propiciam a Hans a percepção da diferença sexual e que geram nele uma busca – como compreender a si próprio, se existe outro sexo? Além disso, a constatação da diferença sexual gera o ‘pensamento’ de que há algo que os dois sexos fazem para que nasçam os bebês; havendo, assim, uma questão subjacente sobre o fator copulatório da sexualidade (FREUD, 1987, p.118, p.139).

Da parte da mãe, Hans vivenciou a perda da satisfação amorosa (por exemplo, o contato no ato de dormir e os cuidados gerais) juntamente com a perda da premissa de que ela tinha um pênis (FREUD, [1987], p.121; p.135). Da parte do pai também houve perda em duas direções – sua presença diminuía as oportunidades de satisfação de Hans com sua mãe e sua resposta às questões de Hans sobre a sua participação no nascimento de bebês foi insuficiente e gerou descrédito. A resposta do pai segundo a qual é a cegonha que traz os bebês gera incredulidade em Hans, pois ele verifica suas hipóteses – viu a barriga da mãe crescer, ouviu seus gemidos, viu Hanna e viu a mãe magra novamente – sabe, portanto, que os bebês nascem da mãe. E o pai, qual sua participação, qual sua função no nascimento dos bebês, já que os chama de filhos? Hans acha que ele tem algo a ver com isso, mas não tem elementos intelectuais e simbólicos para resolver essa questão, apenas ‘intui’ que é preciso um pênis grande e talvez forçar uma passagem (FRED, [1987], p.140-41).

Qual era a perda que ameaçava Hans e gerava angústia? A perda da qual Hans tem medo faz parte de um complexo, do qual se destaca um elemento – a perda da premissa fálica:

A privação da mãe em dois sentidos – Hans perde a satisfação narcísica que experimenta com a mãe e intui a falta do órgão sexual masculino nela. Além disso, observa o órgão sexual feminino na irmã. Com isso, perde a premissa da universalidade do pênis – há um outro sexo, o feminino.

A privação do pai no sentido de uma resposta sobre a significação do seu sexo em relação ao outro sexo – a admissão de sua participação no nascimento de Hans e Hanna: ‘informação’ sobre o órgão sexual feminino e o ato copulatório.

A percepção interna da pulsão (a exigência de satisfação representada pela ereção do “faz-pipi”): a exigência é interna – a excitação que pressiona ao ato de satisfação na masturbação e a impossibilidade de compreender isso. Essa experiência gera também, uma divisão entre a forma de satisfação proveniente do laço amoroso com a mãe e da nova forma de satisfação.

Essas experiências representam um abalo, uma perda das premissas sexuais anteriores – a perda da premissa da significação do seu sexo – que é o amor de sua mãe, que é o falo de sua mãe; isso, juntamente com a perda da satisfação narcísica que experimenta com ela. Essa perda é vivida imaginariamente como a separação dos seus órgãos genitais. A castração é, pois, interpretada como: seu órgão sexual será cortado.

Desse modo, para Hans, a gravidez da mãe (complexo do parto da mãe grávida) e o nascimento da irmã geraram interrogações que têm como núcleo a questão principal – que significado tem seu órgão, seu sexo e como articulá-lo com a relação que tinha à mãe e às novas questões que a presença de seu pai lhe impunha (intuição de que seu pai tinha algo a ver com o bebê).

Pelo caso de Hans, entendemos que o complexo de castração é um complexo associativo que remete a uma questão sexual não respondida, em função do desamparo simbólico da criança (FREUD, [1987], p.142): qual a função do pai no nascimento dos bebês? Essa pergunta indica uma outra, subjacente, sobre a diferença sexual: o que é o homem, o que é a mulher e o que é a cópula. O desamparo simbólico é, pois, gerado pela perda das premissas sexuais anteriores – a perda da significação que a criança tinha de si – quando o sujeito fica diante de novos elementos da sexualidade: a existência do outro sexo, o feminino, para ambos os sexos, e a cópula que não pode ser simbolizada devido à ‘incompreensão dos fatos’ pela criança. A perda da significação que a criança tinha de si – um só sexo, ele é feito para ser amado como falo (objeto) da mãe – é o perigo que a sexualidade representa: a divisão entre os dois sexos.

Com Freud, principalmente pelo caso Hans, aprendemos que a angústia é o sinal do retorno de uma questão sexual pendente, que ficou recalcada, esquecida, evitada: questão relacionada ao desejo de saber da própria sexualidade e que corresponde à elaboração simbólica das perdas que o sujeito experienciou – a perda no sujeito gerada pela separação do objeto-mãe, o que constitui o desejo; e a perda no sujeito gerada pela perda da premissa fálica pela constatação da diferença sexual, o que impõe uma nova interpretação ao desejo.

Por isso, a neurose se sustenta na constituição da sexualidade infantil – quando as perdas podem ser apenas imaginariamente elaboradas (fantasias inconscientes), produzindo sintomas, e, por vezes, angústia.

Portanto, na fase fálica há uma outra separação a ser simbolizada, outra forma de desejo a ser representada e interpretada. A fase fálica é a entrada na simbolização da diferença sexual. Se o desamparo simbólico experimentado por uma criança nova está em correspondência com a representação de existência – é vivo, tem necessidades, é desejante, na fase posterior é a diferença sexual e a divisão que ela impõe.

Compreende-se a lógica do perigo para a criança, o temor da perda dos

genitais(do falo) como o perigo de perda da premissa fálica que é primeiramente um princípio de existência, um significado do desejo; sendo experimentada uma perda simbólica, quando da queda dessa premissa, primordialmente quando constata a falta na mãe. A perda do falo coloca uma interrogação para a criança e uma falta de resposta sobre a sexualidade (desejo) no que diz respeito a sua expressão adulta, uma divisão quanto à manutenção do amor (mãe fálica – criança falo da mãe)) e a nova experiência que se impõe que é a percepção interna da excitação no órgão genital: a perda do falo é a perda da sua própria significação como falo da mãe, feito para tamponar suas faltas e velar a separação dos sexos em duas polaridades. Há, portanto, um complexo que arma a castração e que é o ‘nó’ onde o desejo é re-significado. A experiência da castração opera a produção de um novo significado para o sujeito, de seu desejo.

A última elaboração sobre a angústia é assim resumida: a angústia é o medo que o sujeito tem de seu próprio desejo, constituído por último, pela experiência da castração. Essa elaboração interpreta a tese inicial de que a causa da angústia é a insatisfação sexual, porque suas articulações fazem concluir que o desejo é a falta de satisfação sexual, é a insatisfação que se dá por estrutura – pelo fato de ser inscrita psiquicamente; por isso o desejo é a expectativa de satisfação e ao mesmo tempo é um saber que não se satisfaz por completo. Esse saber está em dialética com tendência à satisfação, às ‘investidas’ da pulsão que podem expor o sujeito à ‘experiência de uma morte’.

CONCLUSÃO

Como conclusão, para o clínico importa saber sobre a significação da angústia, que tem um sentido para o sujeito que sofre dela, que é medo de algo de dentro que toca em uma verdade inconsciente no medo que sente. A verdade do inconsciente é a verdade da pulsão e da castração, recalçada pelo eu.

REFERÊNCIAS

- BASS, B. A angústia e a verdade. *Latusa: Rev. Esc. Bras. Psic.* Rio de Janeiro, n.4/5, p.249-281, 2000.
- BREUER, J.; FREUD, S. (1893). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. 2.ed., v.2. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- BUENO, M. A. T. O mal-estar na contemporaneidade: conversas de Freud com Hipócrates. *Latusa: Rev. Esc. Brás. Psic.* Rio de Janeiro, n.4/5, 2000.
- DAL-CÓL, D.M.L. *Um estudo sobre a teoria da angústia na obra de Sigmund Freud: caminhos de construção e de descoberta*. 2002. 232f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)- Universidade Estadual Paulista, Assis, SP, 2002.
- FREUD, S. (1888). Histeria. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. 3.ed., v.1. Rio de Janeiro: Imago, 1990a.
- _____. (1894a). Rascunho E: como se origina a angústia. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. 3.ed.,v.1. Rio de Janeiro : Imago, 1990b.
- _____. (1895a). Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada ‘neurose de angústia’. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. 2.ed., v3. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. (1909). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*.v.10. Rio de Janeiro : Imago, 1987.

_____. (1915-1917). A ansiedade. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. 3.ed., v.16. Rio de Janeiro: Imago, 1990c.

_____. (1925). Inibições, sintomas e ansiedade.*Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. V.20. Rio de Janeiro: Imago, 1976.